OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno (36 n.os)	Semen. (18 n.os)	Trim. (9 n.os)	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 842

20 DE MAIO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES

PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

CHRONICA OCCIDENTAL

Não ha que duvidar; se os criticos d'arte se queixam com razão da falta de fantasia dos portuguezes, o mesmo não poderão dizer os que olhem para os artigos de fundo de todos os jornaes de Lisboa.

Como o peixinho n'agua, é na politica que os portuguezes estão contentes. Um homem tem talento litterario, mathematico ou mecanico? Fez um poema, sabe dos astros ou descobriu um novo engenho de moer café? Politica com elle!

Se a fantasia que todos os dias se gasta em rabulices e invenções nas columnas de fundo, em relatorios e discursos, se applicasse ás artes, transformava-se Lisboa n'um rufo e ficava desbancada a arte nova.

Ultimamente foi na formação de ministerios que vimos empregada essa faculdade prodigiosa. Metade da população estava capaz de sobraçar uma pasta e subir com ella as escadarias do Terreiro do Paço. E ha quem diga que não temos gente!

O sr. Hintze Ribeiro continua entretanto presidindo ao ministerio e o Dr. Catana da paz e união entre os portuguezes parece que estendeu as suas azas sobre o nosso paiz.

A familia real viaja placidamente pelas costas do Algarve e de todos os cantos da provincia nos chegam noticias consoladoras de que o socego voltou a reinar sobre o jardim á beira mar plantado.

Abre muito brevemente a Universidade de Coimbra, cujo encerramento motivado pela exaltação dos estudantes, foi um dos episodios mais notaveis da historia da approvação do convenio. Felizmente as noticias da convalescença do estudante Vasco de Quevedo, ferido por um policia, tiraram ao acontecimento o lado dramatico.

O convenio está approvado; para dar começo á sua execução parte para Paris o sr. Conselheiro Pereira Carrilho e por uns tempos, que já não vêem sem tempo, trataremos d'outros assumptos.

Temos socego cá por casa e na visinha Hespanha, sempre mais mexida do que nós, no maior socego vão correndo as festas da acclamação de Affonso XIII.

A quantidade de forasteiros é tal em Madrid, que mal póde a gente mexer-se na Porta del Sol. A ornamentação e illuminação das ruas são esplendidas, esplendido o programma dos festejos: banquetes, revistas, batalhas de flores.

Quando da cerimonia do juramento, antes que El-rei entrasse na sala das sessões, o presidente a quem um dos secretarios falára ao ouvido, muito pallido, avisou: Soceguem! Um louco, um scelerado quiz attentar contra El rei; felizmente, porem, nenhum mal aconteceu e o criminoso foi preso.

Quando El-rei entrou, foi alvo de grande ovação.

Sabidas as contas, o criminoso não passava d'um pobre doido, segundo se diz agora, ex-sargento do exercito, que se acercou do coche real para entregar a Affonso XIII um memorial em verso, pedindo-lhe a mão da Infanta D. Maria Thereza.

Calculam-se em mais de trezentas mil as pessoas que assistiram ao desfilar do cortejo. Nunca tanta gente se viu reunida em Madrid como agora. Entretanto a ordem tem sido admiravel.

Quando os homens andam bem, anda mal a natureza, que pouco parece importar-se com elles.

A erupção vulcanica da ilha de Martinica, foi dos casos mais notaveis na historia das commoções geologicas n'estes ultimos seculos.

Diz um telegramma official de São Vicente que a erupção decresce; mas é ainda constante o rio de lava. Já foram enterrados 4300 cadaveres e estão no hospital 130 feridos em tratamento. Recebem soccorros officiaes trez mil pessoas e morreram duas mil cabeças de gado.

Causou o mais profundo horror a primeira noticia que chegou, embóra succinta, sem aquelles pormenores, que depois ainda mais tragico revelaram o acontecimento. Os mesmos navios que estavam no porto quasi todos ficaram destruidos pela cinza e pelas lavas. Era medonha a escuridão. Lembra o caso de

DR. FRANCISCO SILVANO DE ALMEIDA BRANDÃO

VICE-PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Herculanum e Pompeia, cidades sepultadas sob as cinzas e lava da mais terrivel explosão do Vesuvio.

Varios sabios fizeram suas observações, naturalmente muito bem feitas, e sabem-se agora com prophecias, em que naturalmente não acertarão muito mais do que o famoso Padre Vicente na sua folhinha.

Diz um telegramma de Paris que os sabios — quaes sabios? — presagiam outro terramoto em Lisboa com ramificações em Hespanha.

Anda já muita gente assustada; mas não tem de quê. Por emquanto os sabios, com quanto falem de papo em desmoronamentos em oval, schemas de curvas e perturbações sismicas e magneticas, só lhes falta pôr na cabeça um barrete conico, muito agudo, para n'estas questões serem taes quaes os velhos astrologos.

Soceguemos portanto. Tambem na mathematica e sobretudo na mecanica continua a haver poesia.

Digam-o os que assistiram á tragica desgraça do sympathico Dr. Severo, que julgava ter resolvido o celebre problema da navegação aerea. Um descuido indesculpavel, communicou lhe o fogo ao balão, e uma morte horrivel, na presença da mulher e dos filhos, pôz em poucos segundos termo a um sonho lindo.

Foi extraordinaria a commoção que o caso tristissimo produziu em Lisboa, tanto mais que muitos julgavam que Xavier de Carvalho, correspondente do *Seculo*, fosse um dos companheiros do destemido aeronauta.

Abundam, como sempre, os casos tristes e não ha por isso quem fiae no socego, cujo reinado já apregoamos em nossa terra. Felizmente para nós — longe vá o agoiro de sabios de má morte — as noticias de maiores catastrophes temos que ir buscal-as ao estrangeiro.

Vivemos em paz, de que mal nos accordou a trombeta d'uma bomba que vae correndo, uns tiros de revolver e uns apitos da policia.

Foram os casos de maior sensação: o fogo no Aterro e o homem que, na Rua do Carmo, assassinou a mulher com quem vivêra e fôra sua socia n'uma loja em Alcochete.

Desastres e crimes teem sempre seus amadores, dão gasto ao normando das caixas typographicas.

O mais tudo nos fala de paz e o verão que vem entrando já se estreou com a celebre feira de Sacavem, n'um dia magnifico, concorridissima.

Seguem-se outras agora; não tarda a grande serie dos cirios alegrando os arredores de Lisboa, já prestes a despovoar-se.

Mas ainda por aqui ha noticias a colher; não fecharão os theatros, não fecha a exposição de bellas-artes sem que ainda attraiam mais uma vez a attenção de quem a arte prósa.

No sabbado reuniram-se no Hotel de Bragança varios amigos de Columbano e admiradores do seu talento, offerecendo um jantar ao nosso grande artista, que enthusiasticamente foi brindado.

Ainda ha bem poucos dias, aqui nos referimos ao seu quadro *Santo Antonio*, que na exposição de Paris lhe mereceu a medalha d'oiro. Quanta vez aqui falámos de Columbano e dissémos a admiração que nos inspira! Mais uma vez o saudamos e ainda com maior prazer, porque o podemos fazer n'este jornal de que foi Columbano collaborador artistico, era quasi uma criança.

Ainda bem que se falou d'arte n'estes ultimos tempos, coisa de que tão pouco nos occupamos ordinariamente, que até parece ás vezes que a arte é coisa morta entre nós.

Faltava a girandola final. Deu-nos o Visconde de S. Luiz, no principio da estação, a admirar o grande Zacconi, o grande interprete de Ibsen e de Tolstoi, quiz fechal-a com chave d'oiro e contractou a Sada Yacco.

Vem nos esta mulher extraordinaria lá do Japão, onde portuguezes foram os primeiros homens de raça branca a desembarcar.

Talvez a grande artista desconheça esse facto da historia do seu paiz.

E' curioso ler na *Vida de S. Francisco Xavier* como o Padre João de Lucena se refere aos usos, costumes, civilisão e arte japoneza.

A arte japoneza! Que influencia ella veio a adquirir na Europa. Essas pequenas bugiarias que o padre se admirava de ver em tão alto preço entre os japonezes, que preço não attingiram depois na Europa mais civilisada!

Que o Japão era uma terra d'arte já todos o sabiam; o que ninguem calculava é que uma das mais extraordinarias actrizes do mundo representasse nos tablados de Yeddo.

O Visconde de S. Luiz collabora com o Padre Lucena e Fernão Mendes Pinto, revelando-nos um dos paizes mais interessantes do mundo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. RODRIGUES ALVES

(Novo presidente da Republica Brazileira)

Em virtude da eleição realisada em março ultimo, deve assumir no dia 15 de novembro proximo a mais elevada magistratura do seu paiz o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

O novo presidente da republica brazileira é filho d'um portuguez, Domingos Rodrigues Alves, que, tendo-se fixado na cidade de Guaratinguetá, então provincia e hoje estado de S. Paulo, ahi se dedicou ao commercio, constituiu familia, adquiriu bens, e alcançou uma honrosa posição social, tornando se por todos os actos alvo da estima publica.

O dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu em 1848. Destinado por seu pae á carreira das lettras, matriculou se em março de 1866 na Faculdade de Direito de S. Paulo, recebendo em novembro de 1870 o grau de bacharel. Ahi foi um dos estudantes mais distinctos do seu tempo, salientando se não só nas aulas como tambem na imprensa academica. No *Retrospecto critico da Academia de S. Paulo em 1870* regista-se com os maiores louvores o nome de Rodrigues Alves. No jornal *Opinião Conservadora* foi a sua formatura saudada calorosamente e recommendado como um dos moços de mais esperanças pelo seu talento e estudo que nos ultimos tempos tinham cursado a Academia de Direito.

Em seguida estabeleceu-se na cidade natal, dedicando-se á advocacia e á politica, entrando depois para a magistratura.

Subindo ao poder em 1868 o partido conservador, que então consubstanciava os principios de ordem e liberdade, foi o dr. Rodrigues Alves eleito deputado á assembléa legislativa provincial de S. Paulo, sendo-lhe renovado o mandato até 1879, e n'esse cargo prestou ao desenvolvimento de S. Paulo importantes serviços. Foi elle um dos que mais concorreram para ser levada a effeito a grande linha ferrea Mogyana, destinada a ligar S. Paulo a Matto Grosso e Goyaz, e foi elle quem promoveu a approvação do projecto de lei da instrucção primaria obrigatoria.

Em 1887, sendo deputado geral, foi nomeado pelo governo presidente da provincia de S. Paulo, e n'essa occasião as difficuldades que habilmente affrontou eram grandes, attendendo á crise provocada pelo movimento abolicionista. E' sua a lei auctorisando o contracto de cem mil emigrantes europeus, medida de alcance enorme. Mas a sua administração foi bem curta, pois que como deputado geral eleito em 1886 tinha que tomar assento na camara. O governo imperial, como galardão áquelles serviços, concedeu-lhe a carta de conselho.

Pouco depois era proclamada a republica, a que o dr. Rodrigues Alves não adheriu a principio, porque, desgostoso, deliberara abandonar a vida politica. Mas, procedendo-se á eleição da Constituinte, embora nem fosse consultado nem se apresentasse como candidato, viu se o illustre estadista eleito por grande numero de votos. Não querendo fugir ao cumprimento dos seus deveres civicos, de que o Brasil tanto carecia, acceitou a eleição. E, pelo mesmo nobilissimo motivo, apoz o golpe de estado que depoz o marechal Deodoro, acceitou a gerencia da pasta da fazenda.

Saindo do governo, os seus comprovincianos elegeram-no senador federal e pouco depois governador do estado, cargo em cujo exercicio o foi encontrar a eleição para a presidencia da republica.

DR. FRANCISCO SILVIANO DE ALMEIDA BRANDÃO

(Novo vice-presidente da Republica Brasileira)

Para o elevado cargo de vice-presidente da republica dos Estados Unidos do Brasil escolheu o suffragio popular ao dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, uma das individualidades politicas mais consideradas pelos notaveis serviços prestados ao seu paiz. Foi uma verdadeira homenagem aos dotes brilhantes do homem publico, evidenciados nos cargos que anteriormente desempenhou, e uma prova de quanta confiança offerece a sua biographia.

O dr. Silviano Brandão tem cincoenta e quatro annos de edade, e é natural da villa de Porto Alegre, do Estado de Minas Geraes. E' formado em medicina pela Academia do Rio de Janeiro, onde fez um curso distincto. Desde os bancos da escola que elle começou prestando serviços á causa da democracia brasileira, de que foi um valente propagandista, quer em comicios quer em jornaes.

Sendo eleito em 1880 deputado á assembléa provincial de Minas, onde advogou então ardentemente a causa abolicionista, distinguindo-se nesse vibrante e sympathico apostolado em que se empenharam Joaquim Nabuco e José do Patrocinio.

Quando, em 1889, surgiu o regimen republicano, o dr. Silviano Brandão tornou a ser deputado pelo seu Estado, onde passava brevemente a senador. E, nesse tempo, com todo o ardor e estimulo que lhe dava a satisfação de ver realisado o seu ideal politico, deixou o seu nome ligado a diplomas legislativos da maior importancia para aquelle agitado periodo de organisação e de lucta.

Sob a presidencia do dr. Affonso Pena foi secretario do interior, dando grande attenção e impulso aos assumptos de instrucção no estado de Minas; depois, sob o governo de Dias Fortes, foi presidente do senado estadoal; e agora era, desde 1898, presidente do Estado de Minas Geraes.

THEATRO D. AMELIA — SADA YACCO

E' decididamente o Visconde de S. Luiz um dos mais notaveis emprezarios de theatros portuguezes. Muito lhe deve a arte dramatica, e, se em companhias estrangeiras nos tem aqui trazido as mais radiantes estrellas, o exito obtido pelos Rosas e Brazão no theatro D. Amelia não dão razões de queixa á arte nacional.

A tudo sabe attender o Visconde; nenhum melhor do que elle organisa uma companhia, hoje comedia, amanhã drama, agora um original portuguez, logo depois a mais afamada peça da Comedia Franceza ou d'um theatro alegre do *boulevard*. O publico tomou o caminho do theatro D. Amelia e enche-o todas as noites, quer n'elle representem a Réjane ou a Sarah Bernhardt, quer seja Lucinda Simões de volta do Brazil com seu repertorio moderno. Um dia apresenta cinco originaes portuguezes, no outro dá-nos as tragedias de Shakespeare.

Applaude o publico com o mesmo enthusiasmo sempre, e o Visconde, muito alegre delineia triumphos novos.

Trouxe-nos agora a Loie Fuller e a Sada Yacco. Brazão e Rosas andam pela provincia. Depois da dança serpentina maravilhosa, a arte maravilhosa da celebre actriz japoneza, e logo depois um telegramma do Porto, de Aveiro, de Coimbra, ou de Vizeu: Casa cheia, triumpho completo dos actores portuguezes.

Chamam alguns á Sada Yacco a Duse do Japão. Foi um dos maiores exitos da Exposição de Paris; exito enorme obteve agora nos theatros de Hespanha.

E' uma das maiores notabilidades do mundo. Quem viu Réjane, Duse e Sarah Bernhard, Novelli, Emmanuel e Zacconi, quantos mais, que todos devemos á grande habilidade administrativa do Visconde, devia tambem de applaudir essa extraordinaria mulher, cuja mimica tem assombrado as capitaes da Europa.

Conquistou mais um triumpho o Visconde de S. Luiz. Não ha tempo para se lhe dar por elle os parabens. Já vae de caminho em busca de outros ainda maiores.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 840)

A *Iris* é uma mediocre composição de Mascagni; apesar dos colossaes *reclames*, tem-lhe custado a romper; tirando alguns trechos do 1.º acto, o resto parece um *imbroglio* em que abundam as dissonancias disparatadas, sem se perceber alguma idéia musical; neste ponto está em caracter com o enredo japonez do libretto. Foi bem desempenhada, e bem posta em scena de trages e decorações, com muitos effeitos de luz e trevas os quaes, porém, muitas vezes eram mal produzidos.

La Resurrezzione di Lazaro, oratoria de Perosi, tem alguns trechos bem escriptos, mas é de uma monotomia fatigante. Desperta saudades das magnificas creações religiosas de Haydn, Haendel, Pergolese, Palestrina, etc.

Em quanto ao material continuou o regimen do aluguel; partituras, scenas, decorações, ves-

tuario, etc., tudo se aluga. Na scenographia moderna continuou a reinar o emprego do papel, o que representa um verdadeiro amesquinhamento da arte scenographica. Alem disso as mutações, e transformações de scenas, estiveram muitas vezes abaixo do que se dá em theatros de terceira ordem; citaremos, entre outras, nesta epocha, as do *Roberto il diavolo*, do *Tannhaüser* e do *Sansone e Dalila*; nesta ultima, na derrocada final, o publico esteve durante alguns minutos em delirante hilaridade, a vêr os cordeis que deviam puchar pelas columnas, e os coristas e comparsas a olharem sempre para as bambolinas, para se desviarem dos pedregulhos de cartão que deviam cair!

Na noite de 19 de março de 1901, houve no salão da Trindade um concerto pela Real Academia de Amadores de Musica, em homenagem ao maestro Verdi, em que cantaram Bellincioni, Garbin, Biel, De-Luca, Stracciari, Torres e Mantelli; esta cantou uma romanza composta pelo marido, dedicada á rainha D. Amelia. Acompanhou ao piano o maestro Fatuo. Dirigiu o concerto o maestro Goñi, que veiu substituir o fallecido maestro Victor Hussla; anteriormente, nos impedimentos de Victor Hussla, regia a orchestra desta Academia, o habil flautista e distincto maestro amador, D. Fernando de Sousa Coutinho (Conde de Redondo).

Em 23 de março, em beneficio da actriz Palmyra Bastos, a companhia do theatro da Avenida representou no theatro de S. Carlos a operetta *A Boneca*, de Audran, em portuguez, por Palmyra Bastos, Jesuina Marques, Julia Corrêa, Alfredo de Carvalho, Santos Junior, Roldão, Antonio Sá, Ricardo, Amaral, Rebocho, Villas e Sequeira.

Em 24 de março, no salão do Conservatorio, houve concerto de musica classica, pela Sociedade artistica de concertos de canto, dirigido por Sarti; cantaram: Henriqueta Ivens, Magdalena da Silva Cisneiros Ferreira, Gabriella Marciam Jardim, Eugenia dos Santos Loureiro, Thomaz de Lima; os côros eram da Sé Patriarchal e a orchestra.

Em 25 de março, no mesmo salão, houve um concerto classico, por Moreira de Sá (violino), Henrique Carneiro (violino), Benjamim Gouveia (violeta) e Guilhermina Suggia (violoncello).

Em 30 de março, em beneficio do actor Valle, a companhia do theatro da Rua Condes representou em S. Carlos a zarzuela *Chateau Margaux*, de Caballero, em portuguez, por Maria Gonzalez (La Portuguezita), Elisa, Chaves, Silva Pereira, e Gervasio. O actor Valle desempenhou a scena comica *Mania metrica*. Deu-se tambem a comedia *O Impedido do coronel*, de Schwalbach, por Beatriz, Valle, Silva Pereira, Alves e Leal, e o 6.º quadro e parte do 10.º quadro da revista *Nicles*, de Schwalbach, musica de Filippe Duarte, por Maria Gonzalez, Beatriz, Valle, Joaquim d'Almeida, etc.; sendo o côro de creadas cantado por estudantes de escolas superiores.

Em 27 de janeiro de 1901, falleceu em Milano, o celebre maestro Giuseppe Verdi, que encheu com as suas composições musicaes a segunda metade do seculo XIX. Havia nascido em Roncole, perto de Busseto, em Parma, em 9 de outubro de 1814.

Em 1 de fevereiro de 1901, falleceu no Porto, em um manicomio, o distincto pianista e maestro Miguel Angelo Pereira, auctor da opera *Eurico*, que se representou no theatro de S. Carlos de Lisboa, em 1870, e cujo merecimento não foi avaliado com a justiça que lhe era devida.

A grande affluencia do publico ao theatro de S. Carlos, devido ao grande numero de assignantes, quaesquer que fossem os espectaculos, mesmo quando eram inferiores aos de qualquer theatro lyrico de 2.ª ordem, em quantidade ou qualidade, e por consequencia os grandes lucros da empreza, despertaram, segundo o costume, a cubiça de varios pretendentes, traduzindo-se esses sentimentos em uma manifestação, expressa em um requerimento, apresentado no Ministerio do Reino em 21 de Janeiro de 1901, por José Augusto de Sequeira Cilia, como representante de um grupo de capitalistas, pedindo ao Governo que desde logo puzesse a concurso a adjudicação do theatro de S. Carlos, propondo como base o arrendamento do theatro por cinco annos, por cinco contos de réis ou mais. O Governo, porém, não fez caso de tal petição.

Na camara dos deputados, em sessão nocturna de 30 de abril de 1901, o deputado Rodrigues Nogueira, em tom faceto, e fallando na aria das joias, interpellou o presidente do Conselho a este respeito; o ministro do reino Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, declarou não ter ainda tomado resolução sobre o assumpto. Na sessão da camara dos pares de 6 de maio, o Visconde de Lagoaça interpellou o governo sobre o mesmo assumpto.

O presidente do Conselho, porém, respondeu com evasivas e mau humor!

O jornal *A Nação*, de 5 de maio de 1901, foi apprehendido pela policia, por fallar do assumpto em termos que o Governo julgou offensivos!

Posteriormente alem de novo requerimento de Cilia, tambem requereu para concorrer á empreza de S. Carlos, Francisco Garrido.

Em 13 de abril, falleceu no Dafundo, com 58 annos de edade, o distincto professor da orchestra de S. Carlos, Manoel Augusto Gaspar, natural de Angra do Heroismo. Era habil tocador de trompa e compositor. Mestre da banda da Guarda Municipal de Lisboa, soube-a elevar a bem merecida fama, tanto em Portugal como no estrangeiro, onde a sua banda brilhou pela primorosa execução, e foi premiada em concurso com outras bandas regimentaes. Dirigiu durante muitos annos o sexteto concertante do theatro de D. Maria em Lisboa. Abalisado instrumentador, alem de varias composições suas, arranjou, e instrumentou para a banda, diversas composições do Visconde de Oliveira Duarte, Adolpho Sauvinet, Ernestina Leite, etc.

Para o logar de mestre da banda da Guarda Municipal, foi nomeado Antonio Gonçalves da Cunha Taborda, abalisado professor da orchestra do theatro de S. Carlos, tocador de trombone, notavel pela belleza do som e perfeição de execução, e maestro distincto, auctor da opera *Dinah*, poema de Arthur Jorge da Costa Carvalho, que se representou com muito exito no theatro do Club de Lisboa em 1897.

Em 14, 17, 21 e 25 de maio, houve no salão do Conservatorio, de dia, concertos classicos pelos grandes artistas, já muito conhecidos e apreciados em Lisboa, Rey Colaço (piano), Arbós (violino), Rubio (violoncello), Goñi (violino), Lamas (violeta).

Nas noites de 6 e 7 de maio de 1901, houve no theatro de S. Carlos, concertos a grande orchestra, pela philarmonica de Berlin, dirigida por Arthur Nikisch, pelos seguintes preços:

	Assignatura pelos dois concertos	Avulso cada concerto
	30$000 réis	17$000 réis
Frisas	36$000 »	20$000 »
1.ª ordem	30$000 »	12$000 »
2.ª »	16$000 »	10$000 »
3.ª »	11$000 »	6$000 »
Torrinhas	3$000 »	1$800 »
Plateia	1$500 »	$900 »
Varandas		$500 »
E.ª p.ª camarote.		

No 1.º concerto executou-se: abertura (III) de *Leonora*, de Beethoven, e a symphonia n.º 5 em C. moll (dó menor) do mesmo, e *Les préludes* de Liszt, e *Waldweben*, e abertura de *Tannhaüser* de Wagner.

No 2.º concerto a orchestra tocou: abertura de *Freischütz* de Weber, *Tod und Verklärung*, de Richard Strauss, e *Menuet, danse des sylphes, marche hongroise*, de Berlioz, Symphonia n.º 5 E, moll (mi menor) op. 64, de Tschaikowsky. *Praeludium, adagio, Gavotte, Rondó*, de Bach (J. S.), e *Meistersinger-Vorspiel*, de Wagner.

Até que a final se ouviu no theatro de S. Carlos uma orchestra a valer! já não era sem tempo! Não era muito numerosa: não attingia 80 o numero dos instrumentistas; mas que perfeição de execução em cada um, e sobre tudo no seu conjuncto! que admiravel equilibrio entre as forças relativas das diversas classes de instrumentos; que perfeita união entre os executantes entre si! que disciplina! e que intima comprehensão entre os executantes e o maestro!

Arthur Nikisch é dos mais notaveis regentes de orchestra; com extraordinaria precisão de batuta, e perfeita indicação aos seus subordinados; nos seus gestos uma intima comprehensão, e expressiva manifestação dos effeitos musicaes, mas sem exageração nos movimentos, nem sombras de charlatanismo no seu dirigir.

Lá se viram apparecer os antigos trombones de varas, as trompas lisas e os clarins, que ha muito tempo se não viam na orchestra de S. Carlos.

O publico deve ter ficado espantado de não ouvir as costumadas fífias das trompas da orchestra habitual do theatro de S. Carlos (apesar de não serem trompas lisas), as frequentes entradas fóra de tempo, a incerteza dos contrabaixos, a fraqueza dos violoncellos, o arrastamento reciproco dos violinos, etc., etc.

Tambem a orchestra de Berlin poupou os ouvidos do publico ao habitual e infernal *charivari*, da afinação de todos os instrumentos ao mesmo tempo, antes de começarem, e nos intervallos do concerto; *charivari* que o maestro Guilherme Cossoul tinha conseguido supprimir, habituando os instrumentistas a afinarem previamente os seus instrumentos, antes de penetrarem no recinto da orchestra; mas que depois da sua morte, reassumiu novas forças e se tornou chronico, inclusivamente na epocha em que a orchestra só teve musicos italianos, em 1895!

A orchestra de Nikisch, collocada sobre o palco, fóra do moderno poço, executou com a mais agradavel sonoridade, perfeição, expressão e brio, todas as peças dos programmas. O publico applaudiu com o maior enthusiasmo os executantes e o maestro.

Entre as peças magistralmente executadas pela orchestra de Nikisch, figuravam duas composições de Bethoven, a *III abertura* da *Leonora*, e a symphonia n.º 5 em *dó menor*.

Teve desta vez o publico de S. Carlos ensejo de ouvir tocar, com o maximo primôr, as composições daquelle maestro, cuja musica se acha actualmente já mais habituado a ouvir do que noutros tempos, e que portanto melhor podia apreciar do que a de outros classicos, que pouco ou nada ainda conhecia.

Apesar de ter escripto só uma opera, *Fidelio*, nem por isso Beethoven deixa de ser um dos primeiros, dos mais inspirados, mais fecundos e mais sabios compositores de musica classica; tanto nas obras de concerto como nas de musica de camara. A sua unica opera não é mesmo das suas melhores composições. A opera *Fidelio* nunca se deu no theatro de S. Carlos de Lisboa.

Ninguem até hoje excedeu, nem mesmo egualou, Beethoven, na formusura, suavidade e elegancia dos seus adagios, profusamente espalhados, pelas suas numerosas composições instrumentaes, tanto de grande orchestra como de sonatas, tercettos, quartetos, etc., de musica de camara.

Ludovig von Beethoven nasceu em Bonn a 17 de dezembro de 1770, e falleceu em Wien a 26 de março de 1827, tendo sido acomettido de terrivel surdez nos ultimos annos da sua vida, não tendo, comtudo, aquella triste enfermidade, impedido o grande maestro de continuar a compôr

(Continúa)   *F. da Fonseca Benevides.*

PUBLICIDADE E IMPRENSA

Ha já alguns annos, dizia o conde de Montalembert, n'um livro notavel, ácerca do futuro politico da nação ingleza:

«Ao falar das instituições e das tradicções de Inglaterra, das que não sómente podem ser-lhe invejadas, mas mesmo copiadas em proveito da nossa sociedade democratica, se se procura attentamente qual é o instrumento principal d'este mecanismo social, tão solido ao mesmo tempo que tão complicado, a garantia mais efficaz de posse de tantos bens antigos e novos, eu inclino me a acreditar que reside na *publicidade*. A que reina em Inglaterra é por egual immensa, completa e sincera.

O simples raciocinio faz comprehender, á primeira vista, a utilidade pratica da publicidade, á qual somos devedores de mil progressos brilhantes, significando um triompho real do direito sobre a protervia do abuso e a prepotencia auctoritaria.

E, porém, imperiosa necessidade a interferencia dos governos n'esta provincia de intellectualidade humana, em que algumas vezes se descamba no furor de licença.

E este phenomeno condemnavel de suppuração social, justifica a phrase de Lanfrey, no livro *Portraits et Études Politiques*:

«A supremacia de uma auctoridade moral tem sempre sua grandeza, ainda quando é posta ao serviço de ideas falsas ou incompletas.»

E' n'este ponto que devem concentrar-se exclusivamente as faculdades dos homens publicos, porque de sua boa ou má interpretação dependem as resoluções definitivas de varios problemas administrativos.

E a materia em questão é tanto mais melindrosa e de importancia vital, quanto mais liberal é a fórma de instituições regendo um povo.

Para não se levantar celeuma de reacção, é indiscutivel a conveniencia de coordenar a legislação repressiva de desmandos de imprensa, em harmonia com o espirito e as tendencias das épocas, o gráu de desenvolvimento responsavel de classes e de individuos, e o maior ou menor perigo insanavel, resultante de tibieza de medidas.

A hora actual na civilisação do mundo já não admitte appello a comminações penaes absoletas como recurso de applicação presente.

THEATRO D. AMELIA

A ACTRIZ JAPONEZA SADA YACCO

VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA

Emprezario do Theatro D. Amelia

THEATRO JAPONEZ—Scena da «Ghésha e o Cavalleiro»

«A liberdade de imprensa, disse Tocqueville, em sua obra magistral *De la démocratie en Amérique*, não se faz apenas sentir sobre as opiniões politicas, mas sobre todas as opiniões dos homens. Ella não modifica somente as leis, mas os costumes.»

Verdade intuitiva e axiomatica sempre que não ha proposito de reparar com animo sereno a aggressão e a offensa injustas, corre-se o risco de cahir em campo opposto, provocando irritações improprias e desafiando odios intempestivos.

Dentro de limites de decoro e de decencia, motivo algum sustentavel consoante argumentos logicos, se compadece com a adopção de um systema de punição exorbitante relativo á publicidade.

Poder-se hia perguntar a legisladores de tal categoria como o mesmo illustre Tocqueville:

«Mas onde chegastes vós? Haveis partido dos abusos de liberdade, e encontro-vos aos pés d'um despota!»

Deduz-se dos factos que a publicidade se define por dois aspectos distinctos, que apresenta em sua maneira de ser, sujeito um d'elles ao sabor mais ou menos avariado das paixões de partido — é o politico—subordinado o outro aos principios immutaveis e eternos do justo e do honesto — é o moral.

Os codigos não teem attributos para penetrar no segredo de consciencias e julgar de propositos intimos: só, pois, devem fixar-se em relações a actos externos.

E guardadas as distancias devidas entre moral e politica, perfeitamente demarcadas em sua peripheria respectiva, não ha inconveniente de manter-lhes a linha de respeitos proprios, usando de severidade nos excessos da segunda.

Conjugar a amplitude maxima de liberdade de imprensa, permittindo discussões e criticas, com as indicações de bom senso, tendo em attenção o direito commum e as fórmas de processo ordinario, sem excepções de incompetencia, eis, segundo eu entendo, a melhor norma de equilibrio e a verdadeira sciencia de julgado.

Isto de innovar sem longa maturação de idéas, e sem que circumstancias de peso se imponham instantemente, dá origem a conflictos serios, causa embaraços de dirigencia, e perturba organismos constituidos.

E' necessario que haja complacencia por parte de depositarios do poder no tocante a exposição individual de opiniões politicas e a apreciações de actos officiaes—póde traduzir-se em beneficio dos povos — impõe-se o emprego de rigor inflexivel para impedir a circulação de publicações ostentosas de figuras obscenas, de onde promano

O Real Theatro de S. Carlos

em grandissima escala a depravação de costumes e a suggestão viciosa.

De um artigo publicado no *Seculo*, n.º 5:783, por occasião de correr em França o processo de Dreyfus, registei estas palavras conceituosas e profundas:

«Não ha crime repugnante que não tenha o seu contagio pela publicidade.»

Ha muito, entre nós, certa imprensa relata os crimes com todas suas minudencias e particularidades.

Ao lêr columnas compactas, em que se avivam scenas repugnantes de miseria e de torpeza, em que figura a navalha de ponta e mola, instrumento dilecto do fadista e de todos os covardes, julgase, pelo apuro da descripção, pelo arredondado de periodos, pela escolha da phrase, que o articulista, porventura, em seus primordios, tendo cursado a mesma escola de heroes do vicio a que se refere, compraz-se, escrevendo, com taes asquerosidades.

A imprensa, uma das mais poderosas alavancas da civilisação, é, ao mesmo tempo, tribunal e sacerdocio; mas, quando, em vez de lançar mão de tudo quanto encaminha ao progresso legitimo dos povos e ao aperfeiçoamento moral das sociedades, ella desce ás cousas que revelam o lado mau de que o caracter do homem é susceptivel por falta de boa direcção, e é isso exactamente que atira para o meio das multidões ignorantes, tem mentido a seu mandato, transforma-se em especuladora sordida, é indigna.

«A licença da arte dramatica, da pintura e da estatuaria, toma larga parte na dissolução dos costumes, como a *publicidade dada a certos crimes tem o triste privilegio de propagal-os mais que inspirar o horror d'elles.*»

Estas palavras de Clavel, em seu livro *Statique Sociale*, impresso em 1861, são rigorosamente verdadeiras e de molde para aqui.

Que significa apresentar ao publico, em toda a sua crueza, um d'esses quadros de assassinio, em que muitas vezes rivalisam a precocidade com a audacia, o cynismo com a malvadez?

Que utilidade póde resultar para os bons costumes, de referencia completa de todos os dramas hediondos, acompanhada de gravuras ou desenhos respectivos?

Comprehendo, e toda a gente sensata comprehende certamente, que se estigmatise o vicio, que se procure afastar da senda do crime todo o ente pusilanime, de indole moral enfermiça; acceito ainda que os jornaes noticiem todos os delictos e transgressões, estampando os nomes de seus auctores; mas tudo póde ser feito simplesmente, singelamente, honestamente.

Edificar um povo, santa missão em que a imprensa tem papel importantissimo, implica principalmente o dever ponderoso de pôr-lhe deante dos olhos todos os rasgos de generosidade e dedicação, todos os actos de viril coragem desinteressada e humanitaria, todos os exemplos de honradez e isenção, de modo a despertar-lhe o amor da virtude pela propria virtude.

MAESTRO LUDOVIG VON BEETHOVEN

Se, quando conhecidas as inclinações pouco sympathicas e nada justas das massas populares n'uma determinada época, nós, apenas para armar ao effeito, lhes falamos ao sabor e não conforme dictames de san consciencia, commettemos um attentado grave de que a seu tempo seremos victimas a nosso turno.

Está hoje absolutamente demonstrada a bondade de razão que levou os jornalistas portuguezes a abolir nas columnas de seus jornaes as noticias circumstanciadas de suicidios; e essa razão aliás obvia — evitar o contagio d'aquella doença epidemica — primeiro que fosse convertida em facto, encontrou reluctancias de ambição singular, fascinada por mesquinhos dez reis, mas vingou, emfim, com diminuição de lagrimas e com proveito publico.

Porque não se faz o mesmo a respeito de crimes de toda a ordem?

Pois um interesse vil de maior tiragem d'exemplares, que origina falta perniciosa de equilibrio em almas fracas, tão propensas a mal como a bem, deve manter-se e alimentar-se?

Quantos seres vingativos hão sido acordados por largas descripções de crimes á pratica d'outros crimes?

Não se lapida um diamante com excremento, não se corrige um bebedo sendo indifferente á embriaguez, nem se limpa o trigo se não ha cuidado prudente ao joeiral-o.

Como remediar os males causados pelos desbragamentos da publicidade e da imprensa?

Não será por meios violentos.

«A compressão, dizia o já citado conde de Montalembert, nunca póde ser tão absoluta, que o mal não encontre alguma entrada e alguma indemnisação.»

O jornalista consciencioso e illustrado é factor e fautor benemerito da moralidade publica e de civilisação geral.

Elle sabe não só apreciar a Imprensa em seu valor genuino e em sua proeminencia typica, mas tambem veneral-a como tribunal supremo dos povos e foco irradiante de luz intellectual.

Um jornalista é mais que homem na accepção vulgar da palavra, é sacerdote da Idéa e artista do Bem: cumpre-lhe julgar d'alto com imparcialidade e ser superior a corrupções mundanas.

Uma nação possuidora de imprensa sisuda e austera, capta, por motivos de sympathia, o exame reflectido de observadores sensatos.

Ao contrario, se o famoso titulo de Guttemberg existe posto ao serviço d'especulação desen-

MAESTRO AMILCARE PONCHIELLI

MAESTRO LORENZO PEROZI

freado e de politica de ganancia, desvirtua-se em pantano infamante e transmuda-se em parasita rasteiro.

E se é exclusivamente norteada por facciosismo partidario, então a Imprensa cabe a primor a definição de politica na linguagem do brilhante romancista Daudet, não ha muito fallecido em Paris:

«Um armazem de bagatellas por baixo de sujidades e de perfidias.»

O jornal diario influe directa e poderosamente sobre o espirito das massas populares, e por isso que assim acontece é intuitivo occorrer aos governos a obrigação de moderar-lhe e reprimir-lhe os desmandos.

Não convem, todavia, que os membros do executivo fiquem expostos a mystificações ridiculas, nem que sua auctoridade se faça temer á sombra do terror; é preciso estabelecer fórmas de processo compativeis com a maxima amplitude de todas as liberdades publicas e que não briguem com as exigencias collectivas de sociabilidade, nem vão de encontro aos preceitos e regras disciplinares e de justiça estatuidos nas leis não revogadas.

Esta é, em meu entender, a finura artistica de delicadeza consummada em esphera de sciencia politica, dentro dos dominios da publicidade.

Serenar animos e apaziguar conflictos é mais agradavel que exigir responsabilidades e punir delinquentes, tantas vezes quasi forçados a converter a penna de jornalismo educador em instrumento de represalias.

Não me parece licito egualar o destino do animal homem com o do porco; não ha confusão possivel: esta luz prodigiosa, chamada intelligencia, creadora dos mathematicos, interprete sublime e cantora admiravel das bellezas do Universo e da magestade de seu auctor, esta luz imponderavel, que mostra o invisivel e nos faz transcender horisontes da natureza humana, é mais alguma cousa que simples particula delicada de materia, é attributo divino, capaz, na Imprensa, de exprimir ás multidões, faminias de verdade, o alto conceito do jornalismo e a preponderancia enorme do escriptor.

«Um jornal, definiu Tocqueville na obra a que já alludi, é um conselheiro, que não é necessario ir procurar, mas que se apresenta expontaneamente e que todos os dias se occupa de negocio commum, sem nos desviar de nossos negocios particulares. Os jornaes tornam-se, portanto, mais instantes á medida que os homens se nivelam mais e que o individualismo é mais para temer. Seria diminuir-lhes o valor acreditar que elles só servem para garantir a liberdade: manteem a civilisação.»

E, com effeito, assim é; os jornaes manteem a civilisação, menos no momento em que deixam de anathematisar os perfidos e os embusteiros e em que, por noticias insensatas, accendem odios, inflammam paixões, segredam e notrem planos cobardes e vinganças vergonhosas, em tal momento deturpam as cousas, enfraquecem os costumes, avolumam o crime, cooperam acintosa e irremediavelmente para a decadencia dos povos e para a morte das nações.

Por esta razão elevada de altissima superioridade moral, compete ao poder insinuar-se na Publicidade e conceder tributo de respeitos á Imprensa, as quaes são a molecula maravilhosa de ordem nos Estados, um esteio inabalavel de conforto popular contra damnos injuriosos e fanal glorioso de pacificação, avultando cada dia mais conquistas do progresso e na authenticação das identidades.

D. Francisco de Noronha.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

Fevereiro. Mez de grande invernia. As chuvas e os frios succederam-se com pequenos intervallos.

Março. Começou chuvoso (Em 4, 46^{mm},2), conservando se brusco, mas de pouca chuva de 12 a 24, e terminando com bom tempo e calor a partir de 27.

Abril. Normal toda a primeira quinzena, mantendo se o bom tempo, apenas perturbado por chuvas ligeiras. A partir de 22, grandes chuvadas cahiram na capital. (Em 23, 33^{mm},8, 27, 16^{mm},4). Uma trovoada teve logar em 25, produzindo alguma chuva.

Maio. Chuvas notaveis a partir de 11, e sobretudo em 29 e 30, em que a altura pluviometrica attingio respectivamente 30^{mm},1 e 18^{mm},1. A temperatura que, subitamente, se elevára a partir de 4, attingindo um maximo de 27°,6, em 8, baixou de de novo a partir d'este dia, descendo a maxima a 14°,2, em 12, com um minimo de 9°,3.

Junho. As chuvas de Maio continuaram na primeira de cada de Junho com alguma intensidade e acompanhadas de trovoadas, notando-se grande elevação de temperatura em 14, a qual se manteve até 18. A maxima que n'este dia era de 30°,5, desceu a 21°,5, em 19, e a 20°,2, em 20. A partir de 22, nova alta de temperatura.

Julho. Foi de calor relativamente normal, notando-se um unico dia de chuva com 0^{mm},2.

Agosto. Bastante quente, com um maximo egual a 33°,4, em 8, e um minimo de 15°, em 29.

Setembro. Regularmente chuvoso, sobretudo no periodo que mediou entre 16 e 24, observando-se relampagos e trovões longinquos. A maxima temperatura (28°,5) foi das mais baixas, notadas n'este mez.

Outubro. Tornou-se notavel por ser o mais fresco de todos os do periodo 1880–1901, visto que a maxima temperatura do mez não excedeu 21°,6. Chuvas violentas de 3 a 6, com trovoadas (em 3, 28^{mm},6, 5, 39^{mm},4), e persistentes, mas pouco intensas de 15 a 27.

Novembro. Calor moderado, proprio d'este mez. Chuvas pouco frequentes, mas regulares de 5 a 10 e de 14 a 17. (Em 5, 12^{mm},2, 6, 20^{mm},4, e 9, 16^{mm},2).

Dezembro. Embora de bom tempo, de 1 a 6, o mez conservou-se muito chuvoso de 6 a 22, registando se as maiores chuvas nos dias: 8, 14^{mm},5, 10, 16^{mm},9, 16, 23^{mm},4, 17, 14^{mm},9, e 19, 14^{mm},8. A temperatura um pouco elevada em relação á normal até 21, baixou bruscamente n'este dia. A maxima que, em 18, attingiu 18°,3, era, em 19, de 16°,1, em 20, de 14°,9, cahindo em 21, a 7°,0, e conservando-se, em 22, a 8°,0, com um minimo de 2°,0. A partir d'este dia, o tempo tornou se menos frio, mas sem chuva.

1887

Janeiro. De 1 a 3, predominou um tempo glacial, um pouco improprio do nosso clima. As maximas thermometricas foram respectivamente eguaes a 8°,1, 7°,6 e 7°,6, e os minimos de 1°,9, 0°,3 e de 0°,3 abaixo de zero. Chuvas de 4 a 11 fizeram cessar os frios, moderando a temperatura. Durante o resto do mez, o bom tempo alternou com chuvas pouco violentas, conservando-se a temperatura proxima do normal.

Fevereiro. O mez de Fevereiro foi desegual. Em 3, observou-se um minimo de 3°, attingindo o thermometro, n'esse mesmo dia, um maximo egual a 15°,8, e em 4, 16°,4. O bom tempo foi quasi constante, com alterações bruscas na temperatura. Em 11, esta não excedeu 8°,8, com minimo de 0°,5, em 12, o maximo foi de 8°,4, e em 13, de 10°,0, subindo, em 14, a 13°,2, e descendo de novo, em 15, a 7°,5, com alguma chuva e relampagos, mantendo-se o mau tempo sómente até 17. De 18 a 22, céu limpo e temperatura regular, e de 23 a 28, calor sensivel (max.: 18°,3 em 28).

Março. Mez irregular como o precedente, e chuvoso. Em 4, cahiram 27^{mm},9 de chuva com trovoada, em 5, 21^{mm},5, em 10, 15^{mm},9, em 17, 12^{mm},0, em 21, 11^{mm},9, e em 30, 12^{mm},0. A temperatura excedeu sempre 15° durante a primeira quinzena, baixando a maxima, em 15, a 11°,6, attingindo 12°,2 em 16, e cahindo a 8°,9 em 17. Em 18, porém, já a maxima attingiu 14°,2, conservando-se n'este nivel até 24, subindo a 19°,8 em 25, a 23°,2 em 26, e 23°,5 em 27.

Abril. Bruscas variações de temperatura nos primeiros dias de Abril, descendo, em 5, o thermometro até 4°,7, minima conhecida, n'este mez. A partir de 5, persistiu a normalidade, com chuvas pouco frequentes.

Maio. Chuvas notaveis de 1 a 7, (em 3, 24^{mm},1, em 4, 11^{mm},9), calor de 7 a 14, bom tempo e fresco até 22, novamente calor até 26, e alguma chuva até ao fim do mez.

Junho. De importante a considerar, um periodo de trovoadas, que se manteve de 13 a 19, embora seguido de pouca chuva. Temperatura elevada.

Julho. Muito quente, embora a maxima fosse pouco elevada em relação ao normal (max. 31°,8).

Agosto. Algumas trovoadas foram sentidas n'este mez, embora o calor não fosse extraordinario (max. 34°,5).

Setembro. Tempo secco e pouco quente até ao equinoxio; chuvoso e de trovoadas, de 22 a 30. (Altura pluviometrica, 18^{mm},8).

Outubro. Fresco, em geral, com um maximo, em todo o mez, inferior ao normal (max. 22°,3), mas superior ao do anno antecedente. Chuvas regulares em 8 e 9 (24^{mm},8 e 29^{mm},4) e ligeiros aguaceiros em 10, 11, 13, e de 28 a 31.

Novembro. O mez de Novembro foi de mau tempo continuado, attingindo o pluviometro, em 22, a altura de 65^{mm},5, dia em que se sentiu um frio demasiado (max. 9°,8).

Dezembro. Tão chuvoso como o precedente. A temperatura, regular até 20, desceu subitamente em 21, em que a maxima não excedeu 9°,1, subindo, em 22, a 10°,3, descendo de novo de 23 a 25 (max.: 8°,6, 7°,8 e 7°,9; min.: 3°,8, 2°,4 e 0°,4 abaixo de zero). Grande alta de temperatura a partir de 26, com chuvas abundantes até 31, trovoadas e pressões baixas (em 29, 740^{mm},8). De 26 a 31, eis as alturas pluviometricas: 29^{mm},3, 52^{mm},4, 23^{mm},1, 2^{mm},3, 32^{mm},7 e 9^{mm},7.

1888

Janeiro. Continuaram até 4, as chuvas iniciadas no final de Dezembro. De 6 a 10, bom tempo. A partir de 11, céu nublado até 25, com chuvas de 12 a 18, e alguns frios. Os maximos em 14 e 15 foram respectivamente de 5°,7 e 5°,6, os mais baixos de que se tem conhecimento em Lisboa. Com o bom tempo, a partir de 26, reappareceram os frios em 30 e 31 (max. 9°,0 e 7°,8).

Fevereiro. Continuou o regimen dos frios, nos primeiros dias do mez (em 2, max. 7°,8, min. 1°,5), acompanhados de chuvas e trovoadas. De 4 a 11, bom tempo e temperatura normal e novamente, frio e chuva até 28. Em 21, a maxima não excedeu 9°,3, tendo sempre o thermometro descido abaixo de 6°, de 14 de Fevereiro a 28. A notar que a maxima de todo o mez foi de 14°,6, a mais baixa que, em Lisboa, se tem observado.

Março. Temperatura muito inconstante e baixa como no mez antecedente com um maximo em todo o mez de 15°,9, em 14, egualmente, a mais fraca, observada n'este mez. Em 1, a columna thermometrica não excedeu 7,2. O que n'este mez, se manifestou com intensidade foi a chuva. (Em 1 39^{mm},8, em 11 22^{mm},0, em 14 e 15 12^{mm},4 e em 24 19^{mm},2).

Abril. Muito secco, e em geral temperado. As temperaturas extremas foram: 23°,8 (regular) e 5°,8 (inferior á normal).

Maio. De bastantes trovoadas, embora de pouca chuva. Foi notado, nos ultimos dias, um periodo de dias bastante quentes.

Junho. Debutou quente, com um maximo de 30°,1 em 1, de 28°,4 em 2, e 29°,6 em 3, mas continuou temperado, e secco.

Julho. Relativamente chuvoso, e temperado. Em 6, notou-se um maximo de 19°,4, muito abaixo do normal.

Agosto. Calor normal. Em 24 e 25, accentuaram-se as chuvas que produziram 13^{mm},8.

Setembro. Chuvas regulares, e temperatura normal. Trovoadas em 8, 9, 19 e 21. A maxima temperatura foi de 28°,8 (abaixo do normal).

Outubro. Chuvas seguidas de trovoadas fortes. Em 1, o pluviometro accusou 34^{mm},3 e em 2, 19^{mm},5. No resto do mez, cahiu alguma agua, mas pouca, conservando-se a temperatura baixa (max. 21°,8).

Novembro. Persistiu o máu tempo, em todo o mez. Em 4, cahiram 10^{mm},7 de chuva, em 7 51^{mm},1 com trovoada, em 11 40^{mm},1 em 12 13^{mm},3 e em 27 27^{mm},7 com trovoada.

Dezembro. Como no mez antecedente, as chuvas mantiveram se todo o mez com grande intensidade. Em 6, cahiram 26^{mm},4, em 7 14^{mm},4, em 13 16^{mm},0, em 21 14^{mm},2, em 26 22^{mm},9 e em 28 16^{mm},7.

(Continua).

Antonio A. O. Machado.

A CABEÇA DO MORTO

(Hugh Conway)

—Pois sim, escreverei. Faltam ainda umas pequeninas cousas para o casamento. Tenho a auctorização, mas é necessario prevenir o padre. Bom seria tambem que procurasses os meus socios: extranhariam talvez que eu me casasse e partisse sem lhes dar cavaco.

Accedi aos seus desejos, crendo ser essa a melhor solução. Apenas cheguei a Londres, apresentei-me á sr.ª Despard. Não me desagradou encontral-a só. Queria pedir-lhe que vigiasse Claudio, para que o pobre rapaz não tornasse a cahir no estado de exaltação nervosa de que felizmente o curou o meu tractamento.

Não tinha tão bom semblante como quando a vi a primeira vez. Mostrava-se por momentos inquieta, e parecia que diligenciava reprimir uma certa agitação.

Não fez commentarios ácerca da singular phantasia do seu noivo, de querer chegar só no dia

seguinte pela manhã e para a cerimonia. As perguntas a respeito da saude d'elle eram cheias de solicitude. O suspiro de allivio que lhe sahiu do fundo do peito quando eu lhe disse que já não tinha a menor inquietação, provou-me que o amava com todas as veras.

Em seguida encarou-me. Os olhos estavam meio fechados, mas eu podia ler n'elles um secreto e ardente desassocego.

—Elle via uma cabeça, disse-me ella. Já não a vê?

—Falou-lhe d'essa singular allucinação?

Nunca; mas succedeu algumas vezes, estando sentado ao pé de mim, levantar-se de repente e murmurar: «Esta cabeça! esta cabeça horrivel e espantosa! Já não posso supportar-lhe o aspecto!» E sahia precipitadamente de casa, como um louco. Que cabeça via elle, doutor?

Para tranquillizal-a, fiz-lhe uma pequena dissertação scientifica, expliquei-lhe as causas d'aquelle phenomeno cerebral. Ouviu-me com attenção, e parecia ter ficado convencida. Trocámos mais algumas palavras ácerca do casamento, e despedi-me até o dia seguinte.

A cerimonia devia ser muito simples. Soube que a sr.ª Despard não procurara nenhuma amiga para acompanhal-a. Abstrahi pois das regras da etiqueta e, se bem que irmão do noivo, resolvime a ir buscal-a para a conduzir á egreja. Ella não achou n'isso inconveniente.

Não sei porque, mas a impressão que Judith me causou d'esta vez não foi tão favoravel como a da nossa primeira entrevista. Ser-me-hia difficil dar a razão. Quiçá não podia esquecer que minha mulher então me accusara de haver me deixado deslumbrar pela esplendida belleza da americana e ter esquecido o resto. Quando me dirigia para casa de Claudio, onde fiquei aquella noite, quasi lamentei a sua precipitação. Desejaria saber alguma cousa mais a respeito da sua futura esposa; mas era já muito tarde para arrependimentos e escrupulos.

A' hora ajustada fui buscar a sr.ª Despard. Estava já prompta. Não obstante a sua excessiva pallidez, pareceu-me deslumbrante. Durante todo o trajecto no carro guardou silencio e só me respondeu por monosyllabos.

Não a distrahi, suppondo que toda mulher deve estar sempre mais ou menos commovida em taes momentos.

Quando a carruagem parou á porta da egreja, pôs ella a mão no meu braço. Senti que tremia.

—Claudio está aqui, não? perguntou. Não deve ter-se demorado.

—Não, de certo.

Effectivamente, Claudio já nos esperava na egreja. Abraçamo-nos. O velho sacristão foi prevenir o padre, e Judith, meu irmão e eu collocamo-nos deante da reja do altar.

Claudio estava com muito bom parecer; talvez um pouco fatigado, o que podia attribuir-se á longa viagem da noite. Ao vel-o de pé ante o altar, ao lado da que, em breves instantes, ia ser sua mulher, quem o não julgaria orgulhoso e feliz?

Antes que o padre terminasse as suas primeiras phrases, operou-se uma grande mudança em meu irmão. De onde eu estava, só o via de perfil, mas era o bastante para poder avaliar que se achava tomado de uma agitação muito diversa da excitação nervosa natural em taes circumstancias. Uma pallidez livida lhe cobriu o rosto, e na fronte brilhavam abundantes gottas de suor. Notei logo indicios seguros de uma exaltação mental; apertava as mãos com tanta força uma contra a outra que as articulações estavam brancas.

Via-se bem que soffria atrozmente, e por momentos pensei em fazer interromper a cerimonia. Mas era muito curta. Valia mais talvez evitar um escandalo; e, sem duvida, o pobre rapaz poderia conter-se ainda alguns instantes. Limitei-me pois a vigial-o attentamente e cheio de anciedade.

O padre perguntou se não havia algum impedimento para o matrimonio, e fez a pausa do costume. Com grande assombro vi que Claudio se voltou a tremer. Parecia recear que no instante ultimo sobreviesse algum obstaculo, e lia-se-lhe na cara uma verdadeira expressão de terror.

Os noivos responderam em voz tão baixa que quasi os não ouvi. Em seguida, como era dever meu, apresentei a dama ao sacerdote, que uniu as mãos de Claudio e de Judith.

Depois de ter desempenhado este papel, tornei para o meu logar; estava ao lado da desposada.

Quando Claudio se voltou para ella pude ver-lhe perfeitamente o rosto; tinha-o completamente convulsionado; a bocca rigida, os dentes apertados, mordia os beiços. Não mirava já sua mulher tão formosa, dirigia o olhar para mais longe detrás d'ella. Fiquei horrorizado.

Soou a voz do padre que dizia:

—Eu, Claudio, recebo-te a ti, Judith, por minha legitima mulher.

Não ouvindo repetir as suas palavras, parou.

—Diga o sr. commigo, murmurou e começou novamente: Eu, Claudio...

A sua voz perdeu-se na vibração de outra voz mais forte que resoou na egreja vazia. Com um grito feroz, grito de raiva inexprimivel, Claudio repelliu a mão de sua mulher e, gesticulando, indicou a parede onde tinha os olhos cravados.

«Aqui! exclamou; tambem aqui! aquella cabeça maldicta, livida, agonisante! Que será isto? Porque se interpõe a mim e ao meu amor? Eu endoideço! endoideço!

Não dei attenção nem ao assombro do sacerdote, nem ao grito de dor da desposada, e só pensei no meu pobre irmão.

No momento em que devia ser o mais feliz dos homens, voltava o mal de que o julgava curado. Apertei-o nos braços e procurei tranquillizal-o.

—E' apenas a imaginação, meu Claudio, lhe disse. Socega. Isso desapparece n'um instante.

—Desapparece! Mas porque vem? Que tenho eu com aquelle moribundo? Olha, Frank, olha! Alguma cousa me diz que tu tambem o has de ver! Alli! Alli! Olha para alli!

Cravou os olhos no mesmo sitio. Pegou-me convulsivamente nos braços. Com vergonha confesso que cedi e olhei juntamente com elle.

—Alli não ha nada, disse-lhe eu com toda a brandura.

—Olha bem! affirma te! exclamou. Ha de apparecer-te como me apparece a mim.

Seria acaso pela esperança de convencer Claudio de que só era illusão o phantasma que o torturava, ou por effeito da fascinação causada pelas suas palavras e gestos?... Deus do céo! Não sei como, mas eu vi formar-se a pouco e pouco, condensar-se na parede nua, em frente de mim, uma cabeça ou a sombra de uma cabeça livida, espantosa, a fazer horriveis contorsões... os cabellos escuros, compridos, pegados, humidos; os olhos a sahirem das orbitas; os labios agitados por terrivel convulsão... Era o rosto de um homem que lucta com a morte, exactamente como Claudio m'o descreveu.

E, cousa notavel, aquella cabeça era para mim muito mais terrivel que o que nunca poderia sel-o para Claudio.

Vi com horror... Os meus olhos estavam fixos n'aquella apparição... Tremia dos pés á cabeça. Um instante mais e julgaria enlouquecer como Claudio. A sua voz rouca e afogada chamou-me á razão.

—Estás a vel-a tambem! disse elle, mais affirmando que interrogando.

O horror obrigou-me a dizer a verdade.

—Vejo-a, sim, ou julgo vel-a, respondi.

Claudio fugiu com um riso de doido. Correu pela egreja abaixo e desappareceu. Quando elle se afastou, a cabeça do morto, graças a Deus! apagou-se da parede ou antes da minha imaginação.

Judith, em syncope, jazia extendida nos degraus do altar. O padre, cujas mãos tremiam, procurava auxilial-a. Pedi agua ao sacristão e molhei com ella as fontes da pobre mulher.

Passados alguns momentos suspirou, abriu os olhos e estremeceu. Tomei-a nos braços e aos tropeções a conduzi até a porta da egreja. O sacerdote tirou a sobrepelliz e seguiu-me. Quando a depositei na carruagem estava quasi sem sentidos.

—Em nome do céo, disse eu ao padre, acompanhe-a a casa. Eu corro em busca de meu irmão. Logo que o encontre, irei ver a sr.ª Despard. Não se demore. O cocheiro sabe onde é.

O carro partiu. Eu metti-me n'outro e mandei rodar para casa de Claudio; não me parecia que elle tivesse seguido outro caminho ao sahir da egreja.

Felizmente encontrei-o á porta de casa. Entrámos juntos. Elle deixou-se cahir n'uma cadeira e tapou a cara com as mãos. Eu não estava menos agitado, e n'um espelho vi o meu rosto quasi tão pallido como o d'elle. Esperei que me falasse.

Decorridos alguns momentos levantou a cabeça.

— Vai ter com ella, me disse. Pergunta-lhe porque se nos interpõe aquella terrivel cabeça. Tambem a viste, não é verdade? Não é portanto effeito da minha imaginação. Dize-lhe que nunca mais devemos tornar-nos a ver.

— Irei logo que estejas mais tranquillo.

— Mais tranquillo! Mais que o que estou não é possivel. A visão desappareceu como desapparece sempre. Occultei-te uma particularidade singular. Aquella cabeça não me apparece senão quando estou ao pé de Judith. Colloca-se entre nós, até no altar! Vai a casa d'ella e pergunta-lhe porque é isto.

Deixei-o, mas só sahi de casa passado algum tempo. Entrei no quarto immediato e diligenciei ordenar os meus pensamentos.

Eu estava mais perturbado que Claudio, já o disse.

Porque razão aquelle phantasma que se ajuntava e formava do nada, tomava o aspecto de um rosto para mim muito conhecido? Porque razão aquellas feições contrahidas pela agonia eram as de meu irmão Stephen? Porque motivo o terrivel rosto visto por Claudio e que tambem se apresentara á minha imaginação, era o mesmo do meu irmão morto?

Como em sonhos, sahi para cumprir os desejos de Claudio. Tive quasi um prazer, quando em casa da sr.ª Despard me disseram que estava recolhida e não podia receber ninguem. Dava-me tempo para reflectir.

Tive uma inspiração subita! Corri ao telegrapho e mandei um telegramma a minha mulher, dizendo-lhe que me enviasse pelo expresso uma caixita em que eu guardava documentos velhos e antigas correspondencias. Em seguida voltei para junto de Claudio. Persuadi-o a que sahisse immediatamente de Londres. Era melhor que não estivesse alli. Prometti-lhe arranjar tudo no dia seguinte.

A caixa chegou pela manhã. Achei n'ella o que queria. O descanso da noite devolvera-me a calma. Não sem censurar commigo esta fraqueza, saquei de entre as cartas velhas um retrato de meu irmão Stephen, tirado uns dois annos antes de me chegar a noticia da sua morte. Metti a photographia na algibeira e dirigi-me, cerca do meio dia, a casa de Judith.

Immediatamente fui recebido. Momentos depois entrou na sala. Tinha o rosto contrahido e fatigado, e parecia não haver dormido em toda a noite. Grandes olheiras lhe sombreavam os olhos e á roda da sua bocca firme e soberba profundas linhas se desenhavam. Avançou impetuosamente para mim e extendeu-me a mão, que eu apertei em silencio. Em verdade, já não sabia que dizer nem que fazer.

— Onde está Claudio? perguntou-me rapidamente e em voz baixa.

— Sahiu de Londres por alguns dias.

Levou a mão ao coração.

(Continúa).

METEOROLOGIA

Maio de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	764,8	18,4– 8,7	Alg. Nuvens	NNE	0,0
12	762,1	18,5–10,2	P. Nublado	N	0,0
13	758,7	18,0–10,5	Nublado	»	0,0
14	758,8	19,0–11,3	»	S	0,0
15	764,2	21,2–12,4	P. Nublado	N	3,0
16	768,1	19,3–12,1	Alg. Nuvens	»	0,0
17	770,4	20,4–12,5	»	NNW	0,0
18	769,3	18,9–12,3	»	N	0,0
19	770,3	17,5–11,7	»	»	0,0
20	764,6	18,2–11,5	P. Nublado	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Em toda a Europa, se tem sentido uma temperatura irregular para o mez que estamos atravessando. O frio tem-se accentuado bastante, transtornando o equilibrio da temperatura. Como dissemos, na nossa ultima chronica, a primeira dezena de maio foi fresca e ventosa; o mesmo succedeu á segunda dezena. Em 11, a temperatura chegou a attingir, em Lisboa, um minimo de 8°,7. Desde 1889 que se não registava em Maio, uma temperatura tão baixa, sendo egualmente, essa temperatura, inferior a todos os minimos do mez de Abril de 1902 (Min. 10°,2 minima mais elevada que se observou em Abril). Em todo o reino, succedeu o mesmo facto. As minimas temperaturas foram: 5°,2 em Coimbra, 5° no Porto e Evora—3°,5 em Regoa, e 0° na Serra da Estrella. As chuvas escassearam. Apenas em 14, se registou chuva, em Lisboa, Serra da Estrella e postos do Alemtejo. O tempo improprio da estação parece querer continuar.

NECROLOGIA

AUGUSTO LUSO DA SILVA

Em 13 do corrente mez finou-se na cidade do Porto, em cujo lyceu fôra por muitos annos dedicado professor, Augusto Luso da Silva, um litterato e poeta distincto do tempo de Soares de Passos, Julio Diniz, Guilherme Braga, Nogueira Lima, Camillo, Arnaldo Gama, e de tantos outros que a morte arrebatou ha muito, mas cujos nomes brilharão sempre na litteratura portugueza.

Com setenta e quatro annos Augusto Luso exerceu durante 47 annos interruptamente o professorado. Muito novo, foi, por concessão especial dispensado de edade, nomeado professor do Lyceu de Leiria. E desde então não abandonou o seu posto, que honrou sempre, tendo servido varias vezes de secretario e reitor do lyceu do Porto, de commissario de instrucção publica e de inspector das escolas.

Além de um naturalista muito estudioso foi Augusto Luso um poeta muito correcto, cultivando com notavel predilecção a conceituosa forma do apologo, de que deixou grande numero, que comporiam um volume deveras encantador e educativo. Os seus versos lyricos e artigos scientificos encontram-se espalhados por varias revistas periodicas. As suas obras publicadas são as seguintes: *Odes*, *Collecção de poesias*, *Leitura de um trecho dos Luziadas*, *Elementos de Geographia*, que foi adoptado nos lyceus, *Impressões da natureza*, *Fabulas originaes*, *Chronologia domestica*, etc. O apparelho *Isemerioscopio*, destinado a provar o movimento para os equinoccios, foi uma invenção sua.

Lhano e afabilissimo no trato, de habitos simples e modestos, bondoso em extremo, Augusto Luso era uma das figuras mais sympathicas, mais caracteristicas e originaes da sociedade portuense, que lhe dedicava profunda estima.

Que o illustre ancião descance em paz na sua jazida do cemiterio de Agramonte.

O PROFESSOR AUGUSTO LUSO DA SILVA

FALLECIDO EM 13 DO CORRENTE

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

As convenções de Haya *pelo Conde de Penha Garcia — Lisboa, 1901.*

Em dezembro do anno passado publicou a Liga Portugueza da Paz a notavel conferencia que, sob o titulo de *As convenções de Haya*, o sr. conde de Penha Garcia realisára na noute de 22 de fevereiro anterior na Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa. Além d'essa conferencia encerra o presente volume varios documentos lucidamente agrupados e que muito instruem o assumpto.

A vulgarisação dos preceitos de direito internacional publico já assentes pelas diversas convenções para as guerras, terrestres ou maritimas, no intuito de lhes suavisar as crueldades e os excessos, é o principal objecto da sympathica missão que se arrogaram as ligas e associações que trabalham para a obra da paz. A conferencia da Haya, solicitando o consenso da maioria das nações para a approvação expressa de uma tentativa de unificação das leis da guerra, deu um grande impulso para a egualdade e reciprocidade de obrigações e deveres dos exercitos, estabelecendo os meios licitos de fazer a guerra e mais assumptos a ella concernentes. Tudo isto foi devidamente apreciado pelo sr. conde de Penha Garcia na sua interessante conferencia.

Um feixe de flores silvestres — *para a corôa da glorificação centenal de Filippe Nery Xavier — 15-12-1901. — Nova Gôa, Imprensa Nacional, 1901.*

Em uma elegante *plaquette* de 12 paginas, nitidamente impressa, publicou o sr. Roque Bernardo Barreto Miranda, de Nova Gôa, um lindo poemeto em louvor do centenario filippe-neryano. Conta uns duzentos e cincoenta versos a composição, antecedida de umas palavras em que o poeta declara que foi o sr. Amancio Gracias quem lhe aconselhou a publicação.

Sobre tão auctorisada opinião accresce a do reconhecido merito do trabalho, revelando n'elle o auctor o seu brilhante talento, já devidamente apreciado em outras composições como a do *Portugal na India — Epopeia do Oriente* — 1898, de que demos opportuna noticia.

O Peccado — *Contos por Ernesto de Paula Santos, da Academia Pernambucana — Recife, 1901.*

Este gracioso livrinho de contos do sr. Paula Santos encerra os seguintes: — *O Peccado*, que dá o titulo ao volume, — *A feira* — *A cartola do Tio* — *Natal de um noivo* — *Historia de umas flôres* — *A penitencia* — *A visinha do terceiro* — *Vicissitudes* — *Já e Já* — *O Major* — *Quarto deserto* — *Além... além...*

Foi o livro prefaciado pelo sr. Celso Vieira, com uma carta em que se apreciam devidamente as qualidades litterarias do contista. D'ella reproduzimos os seguintes periodos muitoustos:

...«V. obteve, classificou exemplares valiosos, desde a beata encarquilhada e friorenta que se aconchega nas dobras do chale, á volta da missa, até o burguez rotundo e grave, de monumental cartola, e fez vibrar com intensidade em alguns d'elles a nota hilariante de Pigault Lebrun.

«Mas de incidentes picarescos não se compõe todo o volume, não o sonorisam apenas os guizos da farça. Os proprios trabalhos de humorismo denunciam na pintura exacta dos caracteres, em certos detalhes vigorosamente apanhados, uma comprehensão mais seria da arte de narrar e descrever.

«E' na *Historia de umas flores* que o seu estylo adquire maior flexibilidade, a sua ironia maior viveza. E a graça idyllica d'este conto emmoldura uma gentil *silhouette* de mulher.

Taes são, entre muitos outras, as palavras de louvor e de incitamento, que o sr. Celso Vieira dirigiu ao auctor, na carta com que se abre o elegante volume.